

ATAQUES ESCOLARES ENQUANTO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DO ATAQUE À CRECHE DE BLUMENAU NO PORTAL G1

School Attacks as a Media Event: An Analysis of Journalist Coverage Of the Attack on The Blumenau Day Care Center on the Portal G1

Los Ataques Escolares como Evento Periodístico: Un Análisis de La Cobertura Periodística del Ataque a la Guardería de Blumenau en el Portal G1

Bianca Cordeiro Manfrin²

Rejane de Oliveira Pozobon³

DOI:10.31501/esf.v3i31.15306

Resumo: Este artigo analisa a reconfiguração da cobertura jornalística de ataques escolares no Brasil a partir do acontecimento jornalístico “O ataque à creche de Blumenau”, com base na teoria do acontecimento (Quéré, 2005). Usamos a metodologia de análise da cobertura jornalística (Silva & Maia, 2011) para identificar as marcas de produção na cobertura do referido ataque no portal G1. Desse modo, entendemos o acontecimento como um agente mobilizador da reestruturação da prática jornalística.

Palavras-chave: Acontecimento Jornalístico. Cobertura Jornalística. Ataques escolares. Ataque à Creche de Blumenau.

Abstract: This article analyzes the reconfiguration of the journalistic coverage of the Blumenau’s daycare center attack, based on the theory of the event (Queré, 2005). We used the methodology of analysis of journalistic coverage (Silva & Maria, 2011) to identify the production marks on the coverage of the aforementioned attack on the G1 Portal. In this way, we understand the event as a mobilizing agent for the restructuring of journalist practice.

Keywords: Journalistic event. Journalistic coverage. School attacks. The attack on the Blumenau daycare center.

Resumen: Este artículo analiza la reconfiguración de la cobertura periodística de los ataques escolares en Brasil a partir del evento periodístico “El ataque a la guardería de Blumenau”, a partir de la teoría del evento (Queré, 2005). Utilizamos la metodología de análisis de cobertura periodística (Silva & Maia, 2011) para identificar las marcas de producción en la cobertura del mencionado ataque al portal G. De esta manera, entendemos el evento como un agente movilizador para la reestructuración de la práctica periodística.

Palabras-clave: Evento Periodístico. Cobertura periodística. Ataques escolares. Ataque a la Guardería de Blumenau.

¹ Este artigo é um fragmento de uma dissertação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria.

² Mestranda; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, Brasil. bianca.manfrin@acad.ufsm.br | <https://orcid.org/0000-0002-0916-2431>

³ Doutora; Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, Brasil. rejanepezobon@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4828-3148>

1 Introdução

Os ataques em escolas constituem um contexto emergente enquanto acontecimentos de relevância pública. Ao mesmo tempo, são desafios complexos que demandam respostas ponderadas e estratégias de comunicação sensíveis. A cobertura jornalística de ataques escolares tem ganhado cada vez mais destaque no campo da pesquisa científica e na agenda pública internacional. Isso porque os ataques escolares fazem parte de um contexto de violência incitada pelo chamado “efeito contágio”⁴, conceito que aponta a cobertura destes acontecimentos como fator de influência e incitação para novos ataques (Langman, 2017).

Tendo em vista que o acontecimento descortina as fragilidades sociais ao romper com a normalidade, revelando a precariedade das instituições, destituindo a segurança utópica de controle, estabilidade e harmonia, a crescente no número de ataques escolares no Brasil nos últimos anos revelou uma faceta até então pouco debatida: a fragilidade das instituições sociais para lidar com este problema público, em especial a instituição jornalística. Por conseguinte, as discussões sobre as formas de noticiar ataques escolares instauraram-se de maneira mais objetiva no país, levando alguns veículos de comunicação a adotar uma cobertura jornalística com narrativas focadas nas vítimas e sobreviventes e não no perpetrador. Esse novo formato de cobertura adotado consiste em não divulgar imagens e informações mais detalhadas do crime e do criminoso, a fim de não contribuir com o efeito contágio.

⁴ De acordo com estudiosos, o efeito contágio é a capacidade de retroalimentação que a divulgação de notícias sobre massacre às escolas tem evocado na sociedade. Com a publicização dos ataques, surge a identificação de ideias, a concepção de fandoms aos autores desses crimes, gerando assim, um comportamento de imitação, e, consequentemente, potencializando a possibilidade de novos ataques em ambiente escolar (Ver Langman, 2017; Towers et al., 2015; Kissner, 2016).

A mudança surge a partir do acontecimento jornalístico “O Ataque à Creche de Blumenau”, que ocorreu no dia 06 de abril de 2023, onde um homem invadiu o Centro de Educação Infantil Cantinho Bom Pastor, em Blumenau/SC, portando uma machadinha, arma que usou para matar quatro crianças e feriu outras cinco. A partir da mobilização dos veículos comunicacionais, a presente pesquisa visa analisar a reconfiguração da cobertura jornalística de ataques escolares no Brasil a partir do acontecimento jornalístico “O ataque à creche de Blumenau” no portal G1, apontando de que forma essa mudança incide/impacta na prática jornalística do referido portal.

Com isso, pretende-se compreender o acontecimento a partir de diferentes perspectivas teóricas, no intuito de ampliar a capacidade de analisar e interpretar os acontecimentos que moldam a nossa sociedade e cultura. Para tanto, nos propomos a explorar o conceito de acontecimento na sua complexidade, servindo-nos das obras de Alsina (2009), Babo-Lança (2011, 2013), Charaudeau (2012), França (2012), França e Almeida (2008), França e Lopes (2017) e Quéré (2005, 2011). As visadas sobre a teoria do acontecimento fornecem ferramentas analíticas valiosas para entender como os acontecimentos são percebidos, construídos e disseminados na mídia. Ao considerar as interconexões entre esses conceitos e as contribuições individuais de cada autor, é possível desenvolver uma compreensão mais aprofundada das complexas dinâmicas que moldam, constroem e transformam os acontecimentos na sociedade contemporânea.

Como procedimento metodológico, adotamos a Análise de Cobertura Jornalística (Silva e Maia, 2011; Silva e Soares, 2013), a qual possibilita a apreensão das instâncias do acontecimento por meio das marcas de apuração, marcas de composição e aspectos de contexto da publicação. Desse modo, buscamos identificar as marcas do processo comunicativo presentes na cobertura jornalística do

“Ataque à Creche de Blumenau” e a sua relação com o posicionamento editorial do portal G1, neste contexto de reestruturação da prática do portal.

2 Ataques escolares e o efeito contágio

Embora façam parte de uma realidade cotidiana nos Estados Unidos, os ataques em escolas são um fenômeno recente de violência no Brasil, cujas particularidades destoam de outros tipos de ataques/crimes (Cara, 2023). O fenômeno tem se tornado cada vez mais frequente e letal, sendo desencadeado por causas distintas, tais como a violência em massa, em um contexto geral (Lankford e Silver, 2020); ideologias extremistas e discursos de ódio em rede (Capellan, Johnson, Porter & Martin, 2019); espetacularização midiática de atiradores em massa e tiroteios escolares (Schildkraut, Elsass & Meredith, 2018; Lankford & Madfis, 2018); condições de saúde mental e conflitos interpessoais, como bullying e alienação escolar (Agnich, 2015). No Brasil, os ataques despontaram nos últimos anos, com destaque para o retorno das aulas, pós-pandemia (Cara, 2023).

Nesse sentido, os assassinatos em massa ocasionados em escolas constituem uma parcela de acontecimentos raros em relação aos assassinios em geral, contudo, sua sazonalidade possibilita identificar potenciais padrões de risco (Abel, Chermak & Freilich, 2022). Ao abordar a crescente conjuntura de violência nas escolas, é crucial uma compreensão abrangente deste fenômeno, englobando tanto evidências empíricas como quadros teóricos, para uma compreensão, discussão e enfrentamento destes acontecimentos. Assim, começamos com uma exploração dos conceitos que abarcam a problemática dos ataques escolares.

A cobertura jornalística de ataques escolares tem ganhado cada vez mais destaque no campo da pesquisa científica e na agenda pública internacional. Isso porque os massacres escolares fazem

parte de um contexto de violência incitada pelo chamado “efeito contágio”, fenômeno que aponta a cobertura da mídia sobre acontecimentos violentos como fator de influência e incitação para novos ataques. Emprestado da epidemiologia, o termo “contágio” é usado, de forma metafórica, pelas ciências sociais para explicar como um comportamento pode se espalhar por um grupo de pessoas, gerando um efeito imitador (Meindl & Ivy, 2017). Acredita-se que um ataque escolar pode inspirar ou desencadear atos subsequentes de violência semelhante, operando com base no princípio do contágio social, onde comportamentos, atitudes ou emoções se espalham entre indivíduos ou grupos em uma comunidade, muitas vezes facilitados pela cobertura, redes sociais e narrativas culturais.

Muitos atiradores em massa veem nas chacinas uma forma de alcançar a fama e compensar suas frustrações e fracassos (Lankford, 2016), de modo que os ataques escolares, cujos perpetradores têm como motivação a fama, têm aumentado desde a virada do século (Silva & Greene-Colozzi; 2019). Com isso, a cobertura de tiroteios em massa está ligada de forma intrínseca ao efeito contágio, pois possibilita aos perpetradores alcançarem seu intento: a fama. Desse modo, os atiradores em busca de fama têm maior probabilidade de receber cobertura da mídia do que seus homólogos, o que reforça as motivações iniciais de conquistar a notoriedade (Silva & Greene-Colozzi, 2019). Quanto maior a letalidade e brutalidade do ataque, maior a cobertura, levando-nos a problematizar, também, os critérios de noticiabilidade.

A viralização e notoriedade são um dos maiores incitadores em fóruns e comunidades que cultuam crimes dessa natureza. Estes atiradores procuram a atenção midiática para satisfazer o seu desejo de fama, e os veículos de comunicação social são muitas vezes complacentes em fornecer-lhes uma plataforma para tal (Lankford & Madfis, 2018). Ao focar na história do perpetrador e suas possíveis

motivações, os veículos de comunicação corroboram para que os perpetradores cumpram com o seu intento de atingir a fama. Por isso, as campanhas públicas orientam a mídia a direcionar o foco das narrativas às vítimas, sobreviventes e heróis como um caminho para evitar futuros ataques e ressignificar o acontecimento (Lankford & Madfis, 2018; Meindl & Ivy, 2018; Schildkraut et al., 2018; No Notoriety n.d. apud. Durosky et al., 2023).

Amplamente debatido nos Estados Unidos pelo grande número de casos sazonais, com destaque para o Massacre de Columbine⁵, que é, ainda hoje, um dos episódios mais brutais e publicizados sobre o tema, os ataques escolares são uma problemática crescente no Brasil. De acordo com o Relatório do Ministério da Educação “Ataques às Escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental”, o país registrou, de 2002 a 2023, 36 ataques em escolas, totalizando 164 vítimas, dentre as quais 49 foram mortas e 115 ficaram feridas (Cara, 2023). O que antes parecia uma realidade distante agora vem ganhando espaço nos noticiários do país, com uma escalada preocupante no número de casos registrados nos últimos dois anos. Segundo o Relatório, o escalonamento de ataques se dá pós-pandemia, com o retorno às aulas presenciais. De fevereiro de 2022 a outubro de 2023, aconteceram 22 ataques com onze mortes; sete casos em 2022 e quinze em 2023, representando quase 60% do total de ataques em escolas registrados no Brasil.

⁵ O Massacre de Columbine é um dos casos mais simbólicos da história dos ataques escolares, sendo também o mais referenciado em ataques subsequentes a nível mundial (Lankford e Silver, 2020). O massacre ocorreu em 20 de abril de 1999, na escola na Columbine High School, em Columbine, nos Estados Unidos. Dois alunos invadiram a instituição e realizaram um tiroteio que resultou na morte de doze alunos e um professor. Vinte e quatro pessoas ficaram feridas e os perpetradores suicidaram-se após o ataque. Na época, o tiroteio escolar teve uma cobertura jornalística ostensiva, chegando a ser a terceira notícia mais assistida da década de 90 e a que mais atraiu interesse público em 1999, segundo pesquisas do Pew Research Center sobre a atenção do público aos interesses nacionais e internacionais da década.

Nos primeiros meses de 2023, houve três ataques em um curto período de tempo entre eles. O primeiro caso aconteceu no dia 13 de fevereiro, em duas escolas no município de Monte Mor/SP⁶, a Escola Municipal Vista Alegre e a Escola Estadual Professor Antonio Sproesser, sem nenhum ferido. O segundo caso ocorreu em 27 de março, na Escola Estadual Thomazia Montoro⁷, em São Paulo/SP, resultando na morte de uma professora e cinco feridos; e o terceiro ataque foi em 05 de abril, no Centro de Educação Infantil Cantinho Bom Pastor, em Blumenau/SC, onde quatro crianças foram mortas e outras cinco ficaram feridas. Entre o ataque da escola em São Paulo e a creche em Blumenau foram nove dias de diferença, alertando para um possível efeito contágio.

Dentro desse contexto, a necessidade de criar mecanismos de segurança ao ambiente escolar e maneiras de prevenir novos ataques desencadeou discussões em todos os meios sociais, especialmente no contexto midiático. O debate sobre a maneira como os veículos jornalísticos devem realizar a cobertura de crimes dessa natureza se tornou mais incisivo na esfera pública, com a mobilização de agentes governamentais e da sociedade civil⁸. Após o ataque à creche de Blumenau, diversos veículos de comunicação brasileiros adotaram uma proposta editorial de não divulgar informações pessoais sobre autores desses crimes, tais como nomes, imagens e vídeos, a fim de reduzir a publicização de chacinas escolares.

⁶ Em 13 de fevereiro de 2023, um adolescente invadiu a Escola Municipal Vista Alegre, onde também está localizada a Escola Estadual Professor Antonio Sproesser, em Monte Mor/SP, portando bombas caseiras na tentativa de realizar um ataque. Além disso, o adolescente também portava uma machadinha e vestia roupas alusivas a outros ataques e uma suástica. Houve duas explosões na escola, mas ninguém saiu ferido. O adolescente era ex-aluno da instituição e foi detido pela Polícia Militar.

⁷ Em 27 de março de 2023, um aluno realizou um ataque à faca na Escola Estadual Thomazia Montoro, localizada na zona oeste da cidade de São Paulo. Durante o ato, o adolescente proferiu golpes de faca em professores e colegas. Uma das professoras veio a óbito. O perpetrador participava de comunidades online de exaltação de massacres escolares.

⁸ Gualarte, J.; Ferreira, P. & Roxo, S. (2023, 05 de abril). Após ataque a creche, Planalto anuncia R\$ 150 milhões a estados e municípios para fortalecer rondas escolares. Globo. <http://glo.bo/4fafrijy>

Almeida, D. (2023, 07 de abril). Conanda apoia mudanças em cobertura jornalísticas de ataques a escolas. Agência Brasil. <https://bit.ly/4fpvDNy>

3 O acontecimento como fenômeno social

Ao fazer a análise de um acontecimento jornalístico, é preciso, primeiro, questionar-se sobre a noção de acontecimento. O acontecimento não se limita a ser um fenômeno que necessita de explicação ou de uma construção discursiva da realidade, mas algo que revela o que realmente somos enquanto sociedade. O acontecimento é a imagem que a própria sociedade evoca sobre si mesma, de modo que é ela que vai definir o que é acontecimento (Alsina, 2009; França & Lopes, 2017). Ele transcende a mera factualidade e se apresenta como um fenômeno carregado de sentidos, capaz de introduzir discontinuidades e afetar aqueles que o experienciam (França & Lopes, 2017; França e Almeida, 2008).

Ao fugir do que já foi experienciado, a discontinuidade e a novidade que surge a partir do acontecimento marcam sua caracterização. Portanto, há uma necessidade de especificar a maneira com que ele se relaciona, se condiciona e as atitudes temporais, uma vez que “fazemos tudo que está ao nosso alcance para reduzir as discontinuidades e para socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos” (Queré, 2005, p. 61). Intrínseco a essa discontinuidade está inserido o objeto de análise deste artigo, onde nos debruçamos em compreender o acontecimento enquanto agente mobilizador da reestruturação da cobertura jornalística do G1.

O acontecimento pode ser caracterizado também como entidade temporal, um marco que configura o tempo: existe um “antes” e um “depois” a partir do acontecimento, e são estes que constituem o sentido (Babo-Lança, 2011; Queré, 2005). Ao caminhar pela temporalidade, o acontecimento gera um novo sentido nas percepções do que foi e do que será. Ele corta a

continuidade do tempo, ressignificando a produção de sentidos sobre o passado e possibilidades para o futuro, tendo como ponto de referência o acontecimento em questão.

No meio jornalístico, o acontecimento é pautado pela atualidade, sendo considerado “uma experiência singular na temporalidade do aqui e agora” inscrito na história (Sodré, 2009, p.33). Desse modo, nos detemos em analisar o “Ataque de Blumenau” como o acontecimento desencadeador de uma nova proposta de cobertura jornalística de ataques escolares. Nesse sentido, buscamos entender o acontecimento referencial como descortinador de uma temporalidade histórica enquanto ruptura social que afeta e modifica algumas instâncias da práxis jornalística.

Para tanto, é preciso analisar o que Quéré (2011) chama de “individualização do acontecimento”, uma vez que podemos considerar o acontecimento como um “indivíduo observável”, mesmo que sem substância material. A individualização de um acontecimento se dá em razão de sua singularidade e do processo que o distingue de outros semelhantes. Sua significação implica não apenas em sua unicidade, mas na compreensão do conjunto e do contexto em que o acontecimento está inserido. Todavia, o acontecimento não possui uma individualidade inerente, pois esta emerge de um processo de individualização (França & Lopes, 2017; Quéré, 2011).

Ao contrário do que se pensa, a individualização do acontecimento não caracteriza somente a diferenciação, a segregação e a unicidade, mas também a estruturação, a integração e a compreensão de sentidos, conflitos e tramas causais (Quéré, 2005, p.23). A individualização do acontecimento também ocorre a partir da experiência pública, influenciando, assim, na forma como é noticiado e como essa cobertura afeta o público. O acontecimento pode vir a ser a qualquer momento e em quaisquer

circunstâncias, contudo, o que difere um acontecimento de um simples fato é o seu grau de afetação, seu potencial noticioso e o quão relevante ele é para o interesse público.

A cobertura jornalística, portanto, ao interagir com o interesse e as manifestações do público, contribui para a construção dessa individualização do acontecimento. Um acontecimento não possui uma essência intrínseca que o diferencie, nem uma natureza própria que defina sua identidade de forma interna e absoluta. Tal identidade emerge das práticas que o moldam e dos discursos que o nomeiam e descrevem. Ele se torna individualizado quando sua especificidade é determinada, quando adquire um significado — e, conseqüentemente, uma identidade — como um acontecimento singular (Quéré, 2005; França, 2012). Com isso, explica-se a particularidade do acontecimento “Ataque à creche em Blumenau” como ponto-chave desta análise ao fazer a individualização da trama causal do acontecimento em si para focar em sua cobertura jornalística.

3.1 Acontecimento e seu poder de afetação

No conhecimento que temos do mundo, da cotidianidade urbana, acreditamos que exista uma segurança e previsibilidade em relação ao que pode acontecer. É justamente a quebra dessa expectativa, dessa previsibilidade, que faz com que o acontecimento cause tamanha afetação. O acontecimento é um agente desorganizador, ele desestabiliza concepções e desencadeia novas perspectivas (França & Almeida, 2008). Desse modo, todo acontecimento tem um poder de afetação na sociedade em diferentes níveis, podendo causar sentimentos como comoção, raiva e medo, principalmente em grandes tragédias, sejam elas naturais ou ocasionadas.

A comunicação, o debate público, a difusão das notícias e os meios de comunicação estão na base da participação na vida pública, da formação da opinião pública e da própria democracia

(Babo-lança, 2013, p. 230). Os acontecimentos, dependendo das formas de afetações e (re)ações dos indivíduos que os experienciam, podem instaurar problemas públicos de ampla discussão social (França e Lopes, 2017). Em casos de crimes com grande repercussão jornalística, tamanha afetação instiga o debate público em busca de soluções, o que pode despertar um senso de “justiça”, manifestando que um suspeito deve ser preso, processado, punido e até mesmo morto, como exemplo. Isso ocorre porque os acontecimentos afetam uma comunidade não somente pela surpresa, pela ruptura da normalidade, mas pela perturbação que causa e pelas consequências que traz consigo (Babo-Lança, 2013).

Para Quéré (2005), o modo como os sujeitos experienciam um acontecimento exprime o poder de afetação desse mesmo acontecimento. Com isso, os sujeitos tendem a atribuir sentido ao acontecimento a partir de suas experiências. Tal significação do acontecimento “liga-se, portanto, a uma ordem convencional e simbólica, ao mesmo tempo que todo o acontecimento é interpretado e compreendido num horizonte de historicidade” (Babo-Lança, 2011, p. 74). Os sujeitos não apenas têm conhecimento de um acontecimento: eles também o vivenciam, buscam respostas, confrontam-no e o transformam, podendo emergir em novos acontecimentos.

O acontecimento afeta uma comunidade não meramente pela surpresa, pela ruptura da normalidade, mas pela perturbação que causa e pelas consequências que traz consigo. Por conta desse poder de afetação, o acontecimento não dispõe de passividade, ele leva à reflexão e, conseqüentemente, à ação. Quando um homem invade uma instituição de ensino e mata 04 crianças e fere outras 05, com uma machadinha, de forma bárbara, é impossível não se afetar. Nesse sentido, o acontecimento jornalístico “O ataque à creche de Blumenau” fez com que os veículos de comunicação

agissem em prol de uma mudança na cobertura jornalística de ataques escolares voltada na prevenção, literacia e redução de danos. Assim, o jornalismo se propõe a transformar suas práticas e o fazer jornalístico ao relatar ataques escolares futuros.

3.2 O jornalismo molda o acontecimento

Diferente do acontecimento social, que é mais abrangente, o acontecimento jornalístico tem suas especificidades. Enquanto o acontecimento social abrange diversas camadas da esfera pública, o acontecimento jornalístico abarca o mundo das notícias, que deve ser baseado na realidade. Nesse sentido, o acontecimento jornalístico é a representação social do fato, que, por sua vez, o jornalismo concretiza na notícia (Sodré, 2009).

Para virar notícia, o acontecimento precisa, primeiramente, ser do conhecimento de alguém, tornar-se público. Dito isso, “o acontecimento não significa em si”, pois este “só significa enquanto acontecimento em um discurso” (Charaudeau, 2012, p.131-132). Contudo, o processo de significação, no que lhe concerne, precisa de um sujeito que integre o acontecimento em um sistema discursivo que o traduza e o torne inteligível, ou seja, o acontecimento para se inserir no campo social e tensionar sentidos depende “de um sujeito que interpreta o mundo” (Charaudeau, 2012, p. 99), neste caso, o jornalista.

Ao noticiar um acontecimento ou comentá-lo, “o jornalista é, ele próprio, um ator social que reage aos acontecimentos” (Charaudeau, 2012, p. 184). Por isso, é válido frisar que a notícia do acontecimento é sempre um ponto de vista (como toda a narrativa, preside-lhe o ponto de vista do narrador), que dissocia aquele do seu contexto original para o reinserir no universo das notícias (Babo-Lança, 2013).

Queré (2005) entende a mídia como lugar de identificação do acontecimento. É através dela que os acontecimentos são contextualizados, explorados e publicizados, desvelando os “campos problemáticos” do contexto social e as dimensões afetadas pelo acontecimento. Segundo o autor, a mídia - nela se insere o jornalismo - tem papel imprescindível e até mesmo decisivo “enquanto suporte, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas” (Queré, 2005, p. 22).

A compreensão do espaço público pode ser confundida com o próprio acontecimento, tal como aparece em sua configuração discursiva. Com isso, o modo discursivo pode transformar o acontecimento em notícia, concedendo características particulares conforme a maneira como a informação foi tratada (Charaudeau, 2012). Dessa maneira, cabe ao jornalismo traduzir o acontecimento social e transformá-lo em acontecimento jornalístico.

Muitas vezes, o entendimento sobre a cobertura jornalística e o acontecimento confunde-se, todavia, a notícia e o acontecimento são coisas diferentes, mas que se convergem. O acontecimento agencia a cobertura jornalística e, ao mesmo tempo, é agenciado por ela. Enquanto “todo fato social é um acontecimento em potencial para a mídia” em função do seu potencial de atualidade, sociabilidade e imprevisibilidade (Charaudeau, 2012; Sodré, 2009), “toda notícia é um acontecimento em potencial para a sociedade” (Alsina, 2009, p. 134). Nesse sentido, um acontecimento não precisa da mídia para existir, já a mídia precisa do acontecimento para a constituição da notícia. Em meio a essa colisão, a cobertura jornalística pode vir a performar o acontecimento e não apenas o descrever, ao passo que nem todo acontecimento pode tornar-se um acontecimento jornalístico (Lage, 2013).

As decisões editoriais e/ou o interesse da mídia são determinantes para a publicização de acontecimentos sociais. No entanto, em um contexto digital, onde as informações circulam rapidamente e os sujeitos não são agentes passivos, mas também produtores da informação, o poder de afetação de um acontecimento na experiência dos sujeitos é definidor para a sua publicização, em maior ou menor instância. No caso de crimes com vítimas, a tendência é uma maior afetação e, conseqüentemente, uma maior cobertura jornalística.

4 Percorso metodológico: análise de cobertura jornalística

Analisar o acontecimento jornalístico requer a problematização das técnicas e métodos de investigação utilizados nos estudos sobre a prática jornalística. A significação é intrínseca ao próprio contexto de sentido, o qual pode ser identificado antecipadamente nas decisões editoriais que influenciam o produto final: a publicação do acontecimento relatado. A proposta não é esgotar a problemática e sim criar possibilidades de reflexão sobre a cobertura jornalística do acontecimento em questão.

Para isso, escolhemos como procedimento metodológico a Análise de Cobertura Jornalística (Silva & Maia, 2011; Silva & Soares, 2013), a qual possibilita uma perspectiva fértil para investigar como um veículo de comunicação estrutura a cobertura de assuntos em geral ou acontecimentos específicos, uma vez que consiste em investigar elementos do processo de construção do acontecimento como notícia implícito no produto publicado (Silva & Maia, 2011). Nesta metodologia, a cobertura jornalística deve ser pensada sempre como uma estratégia de apuração, composição e angulação produzida por jornalistas e editores, permitindo a identificação das técnicas e estratégias utilizadas na coleta,

construção e circulação das notícias. Contudo, o foco de análise desta pesquisa está no processo produtivo do acontecimento jornalístico e do fazer jornalístico.

A ACJ ancora-se na teoria do acontecimento de Quéré (2005), na intenção de pensar a configuração do acontecimento enquanto problematiza os lugares que este ocupa na mídia, trazendo reflexões sobre o acontecimento jornalístico. Ao evidenciar a dualidade do acontecimento, entre fato e sentido, o acontecimento passa a ser explicável e explicativo. Com isso, as autoras proponentes da metodologia em questão, defendem que a investigação dos acontecimentos publicados na mídia, pode ser realizada não somente nas narrativas produzidas, “mas também no que poderíamos chamar de narrativas da própria produção do acontecimento jornalístico, ou seja, nas estratégias e técnicas do processo produtivo da notícia” (Silva e Maia, 2011, p. 19).

A ACJ organiza-se em três níveis analíticos: marcas de apuração, marcas de composição e aspectos de contexto da publicação. O primeiro nível refere-se às marcas de apuração, no qual se observa a assinatura (veículo, jornalista, correspondente, assessoria, etc.), o local de apuração (apuração in loco ou não) e a origem da informação (fontes, natureza e posição, informações em primeira ou segunda mão). O segundo nível trata-se das marcas de composição do produto jornalístico, identificando o gênero jornalístico (natureza do texto informativo), a localização do texto no veículo (destaque) e os recursos gráficos visuais utilizados. Por fim, o terceiro nível traz os aspectos do contexto da publicação, analisando o contexto interno (caracterização editorial, institucional, organizacional) e o contexto externo (conjuntura sócio-histórica-cultural) (Silva & Maia, 2011; Silva & Soares, 2013).

Assim, pretende-se utilizar o protocolo metodológico para uma melhor apreensão do acontecimento jornalístico “Ataque à Creche em Blumenau”, em duas camadas analíticas: 1) a primeira

analisando a publicização da mudança editorial da cobertura de ataques escolares no portal G1; 2) a segunda camada analisando a cobertura jornalística do acontecimento em si na intenção de identificar as dinâmicas “entre o trabalho de bastidores da redação e as análises subsequentes do conteúdo temático e do discurso no e sobre o mesmo acontecimento” (Silva & Maia, 2011, p.1).

5 Aplicação do protocolo metodológico de Análise de Cobertura Jornalística

Por volta das nove horas da manhã do dia 05 de abril, um homem, de vinte e cinco anos, invadiu o Centro de Educação Infantil Bom Pastor, localizado no Bairro Velha, em Blumenau, e matou quatro crianças, entre quatro e sete anos, com uma machadinha. Além das vítimas fatais, cinco crianças ficaram feridas e foram encaminhadas para o Hospital. Após a ação, o autor do crime se entregou na sede da Polícia Militar e confessou o crime. O homem foi preso e indiciado por quatro homicídios triplamente qualificados e cinco tentativas de homicídio por motivo torpe, meio cruel e impossibilidade de defesa, já que as vítimas eram menores de idade. Segundo a polícia, o homem agiu sozinho e, diferente de outros crimes semelhantes, o autor não tem ligação com a instituição, tampouco, a ação foi coordenada por jogos, cédulas neonazistas e/ou grupos extremistas organizados nas redes sociais, sendo assim, um caso isolado que não segue o “padrão” dos demais⁹.

Com isso, o acontecimento Ataque à creche em Blumenau instaurou um ambiente de medo e insegurança nas comunidades escolares do Brasil inteiro. Uma enxurrada de desinformação, ameaças e boatos de novos ataques levantou os debates e exigências de políticas públicas urgentes de segurança social. Nesse contexto, o jornalismo entrou em ação, em uma tentativa de contenção de danos em

⁹ Os ataques em escolas seguem uma espécie de padrão, uma vez que imitam ataques anteriores (Langman, 2017; Lankford, 2016). Além disso, os perpetradores brasileiros, em sua maioria, têm vínculo com a instituição, sendo, normalmente, alunos ou ex-alunos (Cara et al, 2022). Outra característica é que participam de fóruns nas redes sociais, como fandoms dos autores desses crimes (Langman, 2017).

relação ao efeito contágio, desencadeando a segunda vida do acontecimento. Embora muitos jornais já adotassem diretrizes semelhantes, a novidade que desponta com a nova proposta de cobertura jornalística é a de publicizar a decisão editorial dos veículos comunicacionais, dialogando com seus públicos, explicando o porquê da ocultação de informações envolvendo os perpetradores na cobertura jornalística.

Dentre os portais que aderiram à mudança na cobertura estão o Grupo Globo, o Grupo Bandeirantes e o Grupo Estado¹⁰. Nesse sentido, fizemos um afinamento para a escolha do objeto de análise, iniciando pelo posicionamento editorial do Grupo Globo, que é hoje o maior conglomerado de mídia do Brasil, e a cobertura jornalística realizada pelo portal G1. A escolha do G1 se deu em virtude de sua relevância diante dos produtos midiáticos do Grupo Globo, sendo ele a primeira iniciativa de conteúdo jornalístico criada com foco exclusivamente para o digital, com estrutura e redação próprias para coberturas em tempo integral¹¹. Atualmente, o portal conta com redações em todos os estados do país e possui um público mensal de 55 milhões de usuários, segundo a Comscore¹², consagrando-se como o portal com maior audiência do Brasil.

Dessa forma, iniciamos nossa análise com o anúncio da nova forma de noticiar ataques escolares, em nota oficial, nos veículos que compõem o Grupo. A nota também foi reforçada durante o “Jornal Nacional”, principal telejornal da emissora, na edição do dia 05 de abril, data do ataque em Blumenau. Ao vivo, o apresentador William Bonner leu o comunicado:

¹⁰ Ribeiro, R. (2023, 06 de abril). Veículos de imprensa mudam política de cobertura de ataques a escolas. Agência Brasil.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/veiculos-de-imprensa-mudam-politica-de-cobertura-de-ataques-escolas>

¹¹ Memória Globo (2022, 20 de fevereiro). G1: o portal de notícias da Globo é líder de audiência no jornalismo digital. <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>

¹² O Comscore é uma empresa estadunidense de pesquisa de monitoramento de audiências das propriedades mundiais de mídia, seja mídia digital, televisiva, audiovisual, redes sociais, etc.

Os veículos do Grupo Globo tinham há anos como política publicar apenas uma única vez o nome e a foto de autores de massacres como o ocorrido em Blumenau. O objetivo sempre foi o de evitar dar fama aos assassinos para não inspirar autores de novos massacres. Essa política muda hoje e será ainda mais restritiva: o nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados, assim como vídeos das ações. A decisão segue as recomendações mais recentes dos mais prestigiados especialistas no tema, para quem dar visibilidade a agressores pode servir como um estímulo a novos ataques. Estudos mostram que os autores buscam exatamente esta "notoriedade" por pequena que seja. E não noticiamos ataques frustrados subsequentes, também para conter o chamado "efeito contágio" (Globo, 2023)¹³.

Na nota, a empresa elucida que já tinha um posicionamento alinhado com o de agora, divulgando tais informações apenas uma vez, porém, a partir do acontecimento referência “Ataque à Creche em Blumenau”, as diretrizes tendem a ser mais restritivas, de maneira a não divulgar nenhuma informação sobre o perpetrador. O grupo promete que a política valerá para os próximos casos, contudo, o cumprimento dessas diretrizes precisa ser acompanhado em futuros estudos para ver se será, de fato, concretizado.

A partir do comunicado, iniciamos a análise da cobertura jornalística do acontecimento “Ataque à Creche em Blumenau” a fim de identificar as marcas do processo produtivo e contexto interno, neste caso a mudança da política editorial, expressa no texto publicado. Para tanto, foram selecionadas 14 notícias publicadas num recorte temporal de 05 de abril de 2023, dia do acontecimento, até o dia 05 de abril de 2024. O corpus de análise foi definido a partir de uma pesquisa empírica no Google, a partir das palavras-chave “ataque à creche de Blumenau” e “G1”, de modo que selecionamos as notícias

¹³ Grupo Globo. (2023, 06 de abril). Grupo Globo muda política sobre cobertura de massacres. O Globo. <https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/noticias/noticia/grupo-globo-muda-politica-sobre-cobertura-de-massacres.ghtml>

apresentadas nas primeiras páginas do buscador, excluindo as que não faziam referência ao ataque. Dito isso, a definição do corpus de análise pode ser observada na Figura 1, com as datas de publicação e o título das notícias. O link de acesso às matérias pode ser consultado nas referências.

CORPUS DE ANÁLISE - PORTAL G1		
	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA NOTÍCIA
1	05/04/2023 - 10h30	Ataque a creche em Blumenau: o que se sabe e o que falta esclarecer
2	05/04/2023 - 11h35	Ataque a creche em Blumenau: veja quem são as vítimas
3	05/04/2023 - 13h04	'Estamos desolados com a tragédia', diz escola de Blumenau após ataques contra crianças
4	05/04/2024 - 14h50	Blumenau tem atos em homenagem às vítimas de ataque a creche
5	05/04/2023 - 15h53	Crianças mortas em ataque a creche em Blumenau eram filhos únicos, diz prefeito
6	05/04/2023 - 16h51	Dois anos após chacina, Saudades lamenta ataque com mortes em creche de Blumenau
7	05/04/2023 - 15h37	Autor de ataque a creche de Blumenau foi preso por 4 homicídios triplamente qualificados e 4 tentativas de homicídio
8	06/04/2023 - 08h16	Um dia após ataque a creche que deixou 4 mortos, escolas ficam fechadas e eventos são suspensos em Blumenau
9	10/04/2023 - 08h40	Autor de ataque a creche em Blumenau agiu sozinho, afirma Polícia Civil
10	17/04/2023 - 14h11	Autor de ataque a creche em Blumenau tentou incriminar PM como mandante, diz delegado
11	03/05/2023 17h20	Autor de ataque em creche de Blumenau que causou morte de 4 crianças é transferido de unidade prisional
12	04/05/2023 - 12h38	Criança que sobreviveu a ataque em creche de Blumenau visita e presenteia equipe de hospital onde foi atendida
13	07/08/2023 - 18h28	Laudo conclui que autor de ataque a creche em Blumenau tinha 'total capacidade de entendimento dos atos' quando cometeu crime
14	05/04/2024 - 14h50	Blumenau tem atos em homenagem às vítimas de ataque a creche

Figura 1 – Corpus de Análise do Portal G1. Elaborado pelas autoras (2024)

Iniciamos a análise pelo primeiro nível, identificando as marcas de apuração. Em relação à Assinatura, das 14 notícias, 05 foram assinadas por Joana Caldas, 04 por Caroline Bastos, 04 por

Clarissa Batistela, 02 por Felipe Sales, 01 por Talita Catie, 01 por John Pacheco, 01 por Artur Nicoceli, 01 por Patrícia Silveira e 01 pela editoria do G1. A maioria das notícias foi assinada por 02 ou 03 dos jornalistas citados, sendo eles jornalistas do G1 e da NSC TV, mídia de Santa Catarina, que faz parte dos produtos midiáticos do Grupo Globo. Assim, as notícias foram assinadas por jornalistas da redação do G1 e correspondentes locais do NSC TV. Essa articulação de jornalistas, correspondentes locais e veículos do Grupo Globo demonstra que a editoria do próprio grupo, mesmo que em veículos diferentes, trabalha de forma conjunta e alinhada com as normativas definidas pelo Grupo.

Por conta da cobertura jornalística em conjunto com correspondentes locais, acreditamos que boa parte da apuração tenha sido in loco. Além disso, entre os recursos gráficos utilizados havia vídeos da cobertura televisiva, realizada pelos veículos telejornalísticos do Grupo Globo, como Globo News e Jornal do Almoço (NSC TV). Também se utilizam as fotos e vídeos das vítimas, da instituição de ensino e da movimentação no momento do crime.

O segundo nível trata das marcas de composição do produto jornalístico, assim, variando entre notícia e reportagem. As fontes utilizadas foram fontes oficiais como a Polícia Civil, o Corpo de Bombeiros, o Ministério Público de Santa Catarina, o Tribunal de Justiça, o Poder Judiciário de SC, a Secretaria de Administração Prisional, os delegados responsáveis pelas investigações do caso Ronnie Esteves e o delegado-geral, Ulisses Gabriel; figuras políticas, como o Presidente Lula, o Governador de SC, Jorginho Mello; o Ministro da Educação, Camilo Santana; o Prefeito de Blumenau, Mário Hildebrandt e sua vice, Maria Regina Soares; o Hospital Santo Antônio, onde as vítimas foram atendidas após ataque; a Creche de Educação Infantil Cantinho do Bom Pastor, as professoras e pais dos alunos da instituição.

No entanto, as informações foram em sua maioria em segunda mão, visto que a apuração foi feita com base nos pronunciamentos coletivos ou notas oficiais. No caso das professoras, apenas a notícia 2 e 6 (a figura 1) nomeiam a professora Simone Aparecida Camargo; a notícia 1 (figura 1) não identifica ou dá informações precisas se a professora citada é da turma que sofreu o ataque ou de outra turma da instituição. Em relação ao depoimento com os pais, a notícia 2 (figura 1) relata o depoimento de Bruno Bride, pai de uma das vítimas, nomeando a fonte. Todavia, há o depoimento de outro pai, cujas informações não são descritas. Qual o nome desse pai? É pai de uma das vítimas ou de algum outro aluno da instituição? Ainda, a notícia 12 (figura 1), no vídeo, o repórter fala do “pai da Lara”, uma aluna do local. Mas quem é Lara? Era aluna da turma que sofreu o ataque ou da instituição? Ela estava entre os feridos? Qual a relevância desse depoimento para a narrativa?

O terceiro nível traz os aspectos do contexto da publicação, analisando o contexto interno (caracterização editorial, institucional, organizacional) e o contexto externo (conjuntura sócio-histórica-cultural), o qual podemos identificar pela escolha das fontes e articulação entre portais do mesmo grupo, complementando a informação e seguindo as normativas editoriais. A maioria do conteúdo foi publicada na semana do acontecimento. Não citam o nome ou imagens do perpetrador, tampouco adentram em muitos detalhes sobre ele ou sobre o crime. O foco da narrativa é nas vítimas e nos esclarecimentos das fontes oficiais. No entanto, a cobertura abordou de forma especulativa e até mesmo antiética os recursos visuais. A maioria das notícias tem as fotos das vítimas, mesmo se tratando de crianças menores de idade. Na cobertura televisiva, as imagens da movimentação na creche no período do ataque focaram-se em mostrar os pais e educadores em um momento de extrema vulnerabilidade e desespero.

Em relação ao conteúdo noticioso, o G1 explora os desdobramentos do acontecimento, como o julgamento do autor do crime. O portal foca, conforme as orientações, nas vítimas e sobreviventes em boa parte de suas notícias. O G1 rememora o acontecimento, tanto de ataques passados, fazendo a interconexão com o ataque em Saudades (SC)¹⁴, como lembrando o ataque de Blumenau ao completar um ano da tragédia. A cobertura parece um tanto superficial, sem muito aprofundamento e/ou depoimentos, é embasada meramente nas notas e pronunciamentos dos órgãos oficiais, trazendo informações repetitivas. Contudo, essa pode ser uma estratégia do portal, considerando que a memória coletiva é formada pela repetição, muitas vezes ocasionada pelas coberturas jornalísticas, seja pelo tempo de vida do acontecimento e sua repercussão, seja pela atualização e/ou rememoração do acontecimento (Babo-Lança, 2011; França e Lopes, 2017; Quéré, 2005; Lage, 2012).

Por conseguinte, a narrativa jornalística “elabora a experiência temporal”, abrindo possibilidades para o acontecimento “ao futuro e colocado em relação com o passado” (Babo-Lança, 2011, p.79). Com isso, o acontecimento jornalístico “Ataque à Creche em Blumenau”, ao rememorar e compreender o passado, reconstrói o futuro. O jornalismo, portanto, assume um papel fundamental ao aproveitar as rupturas nos padrões de normalidade social, atuando de forma estratégica na publicização e na construção de narrativas noticiosas.

¹⁴ Em 04 de maio de 2021, a Escola Municipal de Educação Infantil Aquarela, localizada na cidade de Saudades, em Santa Catarina, foi alvo de um ataque. Um homem invadiu a creche e matou cinco pessoas, sendo três crianças, uma professora e uma agente educacional.

6 Considerações finais

Em primeira instância, podemos descrever o acontecimento “Ataque à creche de Blumenau” como um marco temporal, uma vez que serve de referência a acontecimentos passados e a acontecimentos futuros alusivos à cobertura jornalística de ataques escolares. Em virtude disso, ocorre uma mudança não apenas editorial, como também na prática jornalística, apontando possíveis transformações na estrutura profissional, técnica e ética da cobertura jornalística de tais acontecimentos.

Podemos conceber, portanto, que o Grupo Globo (e nele inclui-se o portal G1) usa este acontecimento jornalístico para publicizar a nova proposta de cobertura, a qual consiste em não divulgar a autoria dos perpetradores, imagens e detalhes do crime, acionando os estudos sobre o efeito contágio. Em uma tentativa de ressignificar a si próprio, o Grupo Globo apresenta a nova cobertura jornalística como uma alternativa deontológica, mais alinhada com a responsabilidade social da profissão e de educação midiática. O Grupo demonstra interesse em reparar os possíveis danos do efeito contágio de duas décadas de cobertura jornalística, muitas vezes inconsequente. Para tanto, o Grupo Globo usa o acontecimento jornalístico “o ataque à creche de Blumenau” para publicizar e pôr em prática a mudança na cobertura jornalística, que tende a transformar de forma estrutural o fazer jornalístico nas coberturas subsequentes de crimes desta natureza nos veículos pertencentes não somente ao portal G1, mas todo o grupo editorial.

O acontecimento em questão provoca uma ruptura nas formas de fazer jornalismo e políticas editoriais do Grupo Globo adotadas até então, projetando novas perspectivas para a posterioridade. A

partir dele, existe um antes (como eram noticiados crimes dessa natureza na mídia), um agora (a descontinuidade acontecimental, que se refere a uma nova proposta editorial adotada pelos veículos de comunicação para uma cobertura socialmente responsável e com propósito de redução de danos), e um depois (que diz respeito às futuras coberturas de ataques escolares).

Nesse sentido, ao revelar os aspectos do conteúdo e do discurso sobre um tema-problema, podemos observar como a prática jornalística não apenas transforma o acontecimento em texto, mas também exerce um papel ativo na transformação e recriação desses acontecimentos (Silva & Soares, 2013). O jornalismo, portanto, não é apenas um observador ou narrador, mas também um agente que influencia e participa diretamente do que é reportado. É possível observar, assim, estratégias para reforçar e reafirmar o papel social do jornalismo na construção da realidade.

Com isso, o debate sobre como os veículos jornalísticos devem realizar a cobertura de ataques em escolas deve ser visto como uma questão emergente, mas não como a única causadora do fenômeno. Os ataques escolares são multifatoriais e possuem dinâmicas complexas, nas quais a mídia está inserida. Nesse sentido, cabe expandir o debate sobre o papel do jornalismo na prevenção de ataques subsequentes, sobre a deontologia jornalística e a literacia midiática sobre o tema. Ainda é preciso fortalecer o diálogo com o público, de modo que a explicação dos processos jornalísticos, bem como a justificação e publicização das decisões editoriais, pode gerar o reconhecimento do que é considerado ideal pela sociedade, no intuito de fortalecer a legitimidade da profissão, articulada por meio de estratégias organizacionais e valores simbólicos.

Referências

- Abel, M. N., Chermak, S., & Freilich, J. D. (2022). Pre-attack warning behaviors of 20 adolescent school shooters: a case study analysis. *Crime & Delinquency*, 68(5), 786-813. <https://doi.org/10.1177/0011128721999338>
- Agnich, L. E. (2015). A comparative analysis of attempted and completed school-based mass murder attacks. *American Journal of Criminal Justice*, 40, 1-22. <https://doi.org/10.1007/s12103-014-9239-5>
- Alsina, M. R. (2009). A construção da notícia. *Vozes*.
- Babo-Lança, I. (2013). O acontecimento e os seus públicos. *Comunicação e Sociedade*, 23, 218-235.
- Babo-Lança, I. (2011). Configuração mediática dos acontecimentos do ano. *Revista Caleidoscópio*, 1(10), 73-84.
- Batistela, C. & Caldas, J., (2023, 5 de abril). Autor de ataque a creche de Blumenau foi preso por 4 homicídios triplamente qualificados e 4 tentativas de homicídio. *G1*. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/governo-fala-sobre-ataque-a-creche-em-blumenau.ghtml>
- Batistela, C. & Caldas, J., (2023, 17 de abril). Autor de ataque a creche em Blumenau tentou incriminar PM como mandante, diz delegado. *G1*. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/17/investigacao-ataque-em-creche-em-blumenau.ghtml>
- Borges, C.; Batistela, C. & Silveira, P. (2023, 5 de abril). Ataque a creche em Blumenau: veja quem são as vítimas. *G1.NSC*. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-a-creche-em-blumenau-veja-quem-sao-as-vitimas.ghtml>
- Borges, C.; Salles, F. & Caldas, J. (2024, 05 de abril). Blumenau tem atos em homenagem às vítimas de ataque à creche. *G1. NSC*. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2024/04/05/blumenau-homenagem-vitimas-ataque-creche.ghtml>
- Borges, C. (2023, 6 de abril). Um dia após ataque a creche que deixou 4 mortos, escolas ficam fechadas e eventos são suspensos em Blumenau. *G1. NSC*. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/06/um-dia-apos-ataque-a-creche-que-deixou-4-mortos-escolas-ficam-fechadas-e-eventos-sao-suspensos-em-blumenau.ghtml>
- Brasil, Ministério da Educação. (2023). Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental.

Caldas, J. (2023, 5 de abril). Dois anos após chacina, Saudades lamenta ataque com mortes em creche de Blumenau. *G1*.

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/dois-anos-apos-chacina-saudades-lamenta-ataque-com-mortes-em-creche-de-blumenau.ghtml>

Caldas, J. & Sales, F. (2023, 10 de abril). Autor de ataque a creche em Blumenau agiu sozinho, afirma Polícia Civil. *G1. NSC*.

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/10/autor-de-ataque-a-creche-em-blumenau-agiu-sozinho-afirma-policia-civil.ghtml>

Caldas, J. (2023, 7 de agosto). Laudo conclui que autor de ataque a creche em Blumenau tinha 'total capacidade de entendimento dos atos' quando cometeu crime. *G1*.

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/08/07/laudo-conclui-que-autor-de-ataque-a-creche-em-blumenau-tinha-total-capacidade-de-entendimento-dos-atos-quando-cometeu-crime.ghtml>

Capellan, J. A., Johnson, J., Porter, J. R., & Martin, C. (2019). Disaggregating mass public shootings: A comparative analysis of disgruntled employee, school, ideologically motivated, and rampage shooters. *Journal of forensic sciences*, 64(3), 814-823. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.13985>

Cara, D. (2022). Relatório: O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

Cara, D. (2023). Relatório: Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Ministério da Educação do Brasil. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas.

Catie, T. (2023, 5 de maio). Autor de ataque em creche de Blumenau que causou morte de 4 crianças é transferido de unidade prisional. *G1. NSC*.

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/05/03/autor-de-ataque-em-creche-de-blumenau-que-matou-4-criancas-e-transferido-de-unidade-prisional.ghtml>

Charaudeau, P. (2012). O discurso das mídias (2ª ed.). *Contexto*.

Duroskey, A., Newman, E., & Holton, A. E. (2023). Perpetuating perpetrators: News coverage of perpetrators and victims of the Columbine and Parkland shootings. *Journalism Studies*, 24(4), 515-531. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2173952>

França, V. R. V. (2012). O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. Em V. França & L. Oliveira (Orgs.), *Acontecimento: reverberações* (pp. 55-66). Autêntica Editora.

França, V. R. V. & Almeida, R. (2008). O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. *Revista Contemporânea*, 6(2). UFBA.

França, V. R. V. & Lopes, S. C. (2017). Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *Matrizes*, 11(3), 71-87.

G1. (2023, 5 de abril). Ataque a creche em Blumenau: o que se sabe e o que falta esclarecer. G1. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-a-creche-em-blumenau-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml>

Globo, Grupo. (2023, 6 de abril). Grupo Globo muda política sobre cobertura de massacres. O Globo. <https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/noticias/noticia/grupo-globo-muda-politica-sobre-cobertura-de-massacres.ghtml>.

Kissner, J. (2016). Are active shootings temporally contagious? An empirical assessment. *Journal of Police and Criminal Psychology*, 31(1), 48-58. <https://doi.org/10.1007/s11896-015-9163-8>

Lage, L. R. (2013). Jornalismo, memória, esquecimento: o massacre de Realengo na retrospectiva de Veja. *Brazilian journalism research*, 9(1), 214-229. <https://doi.org/10.25200/BJR.v9n1.2013.514>

Langeani, B. (2023). Raio-X de 20 anos de ataques a escolas no Brasil: 2002-2023. *Instituto Sou da Paz*. <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>

Langman, P. (2017). Role models, contagions, and copycats: An exploration of the influence of prior killers on subsequent attacks. https://schoolshooters.info/sites/default/files/role_models_3.1.pdf

Lankford, A. (2016). Fame-seeking rampage shooters: Initial findings and empirical predictions. *Aggression and Violent Behavior*, 27, 122-129. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.02.002>

Lankford, A. & Madfis, E. (2018). Media coverage of mass killers: Content, consequences, and solutions. *American Behavioral Scientist*, 62(2), 151-162. <https://doi.org/10.1177/00027642187634>

Lankford, A., & Silver, J. (2020). Why have public mass shootings become more deadly? Assessing how perpetrators' motives and methods have changed over time. *Criminology & Public Policy*, 19(1), 37-60.

Meindl, J. N. & Ivy, J. W. (2017). Mass shootings: The role of the media in promoting generalized imitation. *American Journal of Public Health*, 107(3), 368-370. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2016.303611>

Meireles, O. (2022, 30 de agosto). Metrôpoles chega ao 2º lugar dos portais de notícias mais acessados do país. *Metrôpoles*.

<https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-chega-ao-2o-lugar-dos-portais-de-noticias-mais-acessos-do-pais>

Nicoceli, A. (2023, 5 de abril). "Estamos desolados com a tragédia", diz escola de Blumenau após ataques contra crianças. *G1*.

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/estamos-desolados-com-a-tragedia-diz-escola.ghtml>

Pacheco, J. (2023, 5 de abril). Crianças mortas em ataque a creche em Blumenau eram filhos únicos, diz prefeito. *G1*. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/criancas-mortas-em-ataque-a-creche-em-blumenau-eram-filhos-unicos-diz-prefeito.ghtml>

Pew Research Center's. (1999). Columbine Shooting Biggest News Draw of 1999, Report 1999. <https://www.pewresearch.org/politics/1999/12/28/columbine-shooting-biggest-news-draw-of-1999/>.

Quéré, L. (2005). Entre facto e sentido: A dualidade do acontecimento. *Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, 6.

Quéré, L. (2011). A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. *Caleidoscópio*, 11, 13-37.

Schildkraut, J., Elsass, H. J., & Meredith, K. (2018). Mass shootings and the media: Why all events are not created equal. *Journal of Crime and Justice*, 41(3), 223-243. <https://doi.org/10.1080/0735648X.2017.1284689>

Sodré, M. (2009). A narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento. *Vozes*.

Silva, G., & Maia, F. D. (2011). Análise de cobertura jornalística: Um protocolo metodológico. *Revista Rumores*, 5(10), jul-dez.

Silva, G., & Soares, R. de L. (2013). O método Análise de Cobertura Jornalística e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula. *Revista Rumores*, 7(14), 80-97.

Silva, J. R., & Greene-Colozzi, E. A. (2019). Fame-seeking mass shooters in America: Severity, characteristics, and media coverage. *Aggression and Violent Behavior*, 48, 24-35. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.07.005>

Towers, S., Gomez-Lievano, A., Khan, M., Mubayi, A., & Castillo-Chavez, C. (2015). Contagion in mass killings and school shootings. *PLoS one*, 10(7), e0117259. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0117259>